

Memória de outra guerra

N. 16/7/88

Pelos fins de 1972, encontrando-me na tropa colonial, eu estava sentado, uma tarde, numa cervejaria em Tete, compartilhando a mesa e a cerveja com um alferes meu amigo, que na altura andava um tanto preocupado com o próprio peso.

— Sabes, dizem que o segredo para emagrecer é, quando se come, ficar um ponto aquém da satisfação...

— falou, num determinado momento, o meu amigo alferes; e sorriu. Nesse exacto momento, entraram dois furriéis «comandos», que eu conhecera na recruta geral, em Boane. Viram-me, pareceu-me que hesitaram e depois vieram sentar-se à nossa mesa. Traziam os camuflados cobertos de poeira e tinham os olhos vermelhos como se não tivessem dormido. Tinham o aspecto geral de quem vinha de longe.

— Então, como vão as coisas por aqui? — perguntou um deles.

— Tudo na mesma — respondi. — E vocês, de onde vêm?

— Andámos por aí — disse, lançando um rápido olhar ao companheiro, que lho retribuiu, baixando depois os olhos avermelhados.

— Sim, andámos por aí — repetiu o primeiro; e sorriu, com um estranho sorriso.

Pediram cerveja. Não estava bem gelada. Protestaram mas acabaram por beber. Lá fora, estava um calor insuportável. Olhei pela janela, vi passar uma «Berliet» carregada de soldados e lembrei-me de repente de que estava «apanhado» — ou seja, perturbado, mentalmente afectado pela guerra; «apanhado» era como se dizia. O meu problema era que queria ir de férias à Beira mas, por motivos disciplinares, não tinha direito. A solução era fazer-me «apanhado» para me darem licença médica. Era um expediente bastante comum entre os soldados; por isso, para dar resultado, tinha de ser bem feito. Por mim, estava a fazê-lo tão bem quanto era capaz: começara por me rir sozinho, onde quer que me pudessem observar — logo aí provoquei um pequeno escândalo, ao desencadear um ataque de riso (que, contra minha vontade, se tornou incontrolável) no funeral de um tenente morto por uma mina, e ao qual assistia em representação da minha unidade; pouco faltou para ser preso. Depois, passei a uma fase em que não falava com ninguém: por mais que insistissem comigo, não saía uma palavra; acabaram por me levar ao comandante, diante do qual fiquei em posição de sentido, completamente silencioso, enquanto ele ensaiava uma série de truques, aliás um pouco infantis, para descobrir se eu estava ou não a fingir: falava, falava, mas eu limitava-me a olhar para ele, com o ar mais inocente possível, como se não fosse nada comigo. Acabou por me mandar embora, aos berros, sem conseguir chegar a uma conclusão. Como este expediente do silêncio exigia demasiada concentração, passei rapidamente a outra fase, ao mesmo tempo mais fácil e mais espectacular: desatei a falar pelos cotovelos, dizendo as coisas mais incoerentes que me ocor-

riam a quem quer que me aparecesse. Por fim, como a minha imaginação estivesse a ponto de esgotar-se, pedi uma Bíblia emprestada a um cabo sacristão e passei a percorrer metodicamente os cafés e bares, nas horas de maior afluência, sentando-me numa mesa ao acaso e começando a ler, em voz alta, textos bíblicos. Isto convenceu definitivamente as pessoas de que eu estava doido. O comandante mandou-me à Psiquiatria. Aí, calhou-me um médico manhoso empenhado em demonstrar que eu estava a fingir; falei-lhe durante três quartos de hora do Cântico dos Cânticos, comentando com particular entusiasmo as partes eróticas e ele, por fim, não ficou convencido mas rendeu-se: passou-me uma licença médica de sete dias. De maneira que, naquela altura, estava apenas a aguardar transporte para a Beira, para entrar de licença, e não podia deixar que me apanhassem em falso — o comandante podia ter olhos ou ouvidos por ali.

Olhei para o meu amigo alferes, que estava muito calado, mas ele parece que adivinhou as minhas ideias e pôs um ar reprovador — era o meu melhor amigo, o único que estava dentro do segredo, mas não aprovava os meus métodos e até já me dissera uma vez: «Tem cuidado porque para fazer as coisas que tu andas a fazer é preciso estar de facto um pouco doido»; erguera depois os olhos para mim, num olhar cheio de advertências, e acrescentara: «tu julgas que andas a enganar os outros, mas vê lá se não estás a enganar-te a ti próprio...». Era boa pessoa mas demasiado cautelosa: fumava cachimbo, por ser menos maléfico que o cigarro, e preocupava-se com tudo, até com o próprio peso. Desviei o olhar para os dois «comandos», pensando ainda em soltar uma risada tresloucada ou então recitar um versículo do Novo Testamento, só para manter as aparências. Mas o ar deles desencorajou-me: silenciosos, de olhos baixos, um pouco recostados nas cadeiras, bebiam lentamente as cervejas. Decidi romper o silêncio:

— Dizem que a FRELIMO já atravessou o Zambeze...

Os dois ergueram rapidamente os olhos para mim; depois voltaram a baixá-los para os copos.

— Talvez — disse aquele que antes falara.

Tinham acabado as cervejas. Chamaram o empregado, pagaram. Já de pé, o mesmo «comando» disse:

— Nós também temos feito umas coisas por aí... e sorriu, com o mesmo estranho sorriso. Saíram.

Eu e o meu amigo ainda ficámos um pouco por ali. Pedimos mais duas cervejas. Havia-se instalado entre nós um silêncio incómodo. Para dizer qualquer coisa, o meu amigo alferes recomeçou:

— Sabes, dizem que o segredo para emagrecer é, quando se come, ficar um ponto aquém da satisfação...

— mas a conversa não pegou. Acabámos de beber, pagámos e saímos também para o calor sufocante daquela tarde de Dezembro de 1972.

Só muito mais tarde viemos a saber que a companhia de «comandos» à qual pertenciam os dois furriéis praticara dois ou três dias antes, um massacre que ficou na História com o nome de Wiriyamu e no qual, se bem se lembram, foram assassinadas umas quatrocentas e tal pessoas indefesas.